

VERSÃO: UM DIAGNÓSTICO DOS ESTUDOS ACERCA DESSA ATIVIDADE TRADUTÓRIA NO BRASIL

INVERSE TRANSLATION: A DIAGNOSIS OF THE STUDIES ABOUT THIS TRANSLATION ACTIVITY IN BRAZIL



Sara Luiza Hoff¹

(Graduanda do Bacharelado em Letras Português-Inglês e Bolsista de Iniciação Científica CNPq / UFRGS/ Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil)
saraluizahoff@gmail.com

Valdir do Nascimento Flores²

(Professor Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras / UFRGS/ Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil)
valdirnf@yahoo.com.br

181

Resumo: A versão é normalmente entendida como uma atividade de passagem de um texto escrito na língua materna do tradutor para uma língua estrangeira e parece ser uma prática cada vez mais comum, embora ainda seja criticada. Esse trabalho traça um diagnóstico dos estudos acerca da versão no Brasil, a partir de uma pesquisa de base descritiva em três etapas: análise de currículos de cursos brasileiros de graduação e de pós-graduação; consultas às obras constantes nas referências bibliográficas das disciplinas teóricas de tradução e práticas de versão de algumas universidades; e consulta a revistas científicas especializadas à procura de trabalhos sobre a atividade. Os resultados sugerem que, em geral, a tradução e a versão não têm o mesmo estatuto prático-teórico-conceitual, e que parece haver baixa produtividade acadêmica sobre o assunto.

Palavras-chave: Versão. Produção acadêmica. Estudos sobre tradução.

Abstract: *Inverse translation is usually understood as the passage of a text written in the translator's mother tongue into a foreign language. It seems to be an increasingly common activity, even though it is still criticized. This paper establishes a diagnosis of the studies about inverse translation in Brazil from a descriptive research, performed in three stages: analysis of the curricula of Brazilian undergraduate and graduate programs; study of the works present in the syllabi of theoretical translation courses and practical inverse translation courses of some universities; and revision of specialized journals to look for studies on the activity. Results suggest that generally direct and inverse translation do not share the same conceptual, theoretical and practical status and it seems to be the low academic output about the subject.*

Keywords: *Inverse translation. Academic output. Translation studies.*

1. Introdução

No livro *O que é tradução*, Geir Campos (2004, p. 30) afirma que o tradutor, seja ele profissional ou amador,

[...] há de conhecer bem a língua da qual traduz, chamada língua-fonte, e a língua para a qual traduz, chamada língua-meta e que em geral é a língua materna do tradutor.

Haverá uma razão para que a tradução se faça em geral de uma língua estrangeira para a língua materna? A principal razão é a de que, em sua própria língua, qualquer pessoa é capaz de ter um desempenho muito superior ao que teria em qualquer língua “aprendida”.

Ou seja, Campos considera que a atividade principal – ou até mesmo exclusiva – do tradutor é a transposição de um texto de uma língua estrangeira para a sua língua materna. A *versão*³, que consiste da mesma prática, porém na direção inversa (língua materna para língua estrangeira), não está inclusa na concepção proposta por Campos.

182

Uma observação do mercado de trabalho permite perceber que essa postura é compartilhada por alguns tradutores, que criticam ou até descartam a prática dessa atividade, julgando-a difícil ou declarando-a impossível. Por outro lado, a mesma observação indica que a versão é uma prática que tem se tornado mais comum, especialmente – mas não exclusivamente – no idioma inglês. Esse crescimento parece ser influenciado por fatores como o aumento da produção acadêmico-científica do país e a ampliação das exportações devido à abertura de novos mercados no exterior. Allison Beeby Lonsdale (*apud* BAKER; SALDANHA, 2011) confirma esse argumento, citando a globalização, a Internet, a predominância do inglês como idioma internacional, o aumento da imigração, os maiores níveis de educação e o aumento do número de empresas entre os principais fatores que influenciaram a direção das traduções nos últimos séculos.

Além disso, é importante destacar que, ao levar em conta os estudos de tradução, não parece haver uma grande quantidade de textos que mencionem a prática da versão. Desse modo, parece haver uma insuficiência de literatura sobre o assunto.

Considerando-se esse cenário, este artigo visa traçar um diagnóstico dos estudos acerca da versão no Brasil, como forma de entender qual o estatuto teórico-reflexivo dessa prática no contexto acadêmico-científico nacional. Busca-se, também, verificar de que forma o fenômeno é caracterizado nesse mesmo cenário, de modo a ter uma melhor compreensão sobre a maneira como a atividade é entendida.

Para atingir esses objetivos e possibilitar o esboço de uma espécie de “estado da arte” dos estudos acerca da versão no Brasil, empreendeu-se uma pesquisa teórico-conceitual de base descritiva, com consultas a meios eletrônicos e bibliográficos e análises de currículos de cursos brasileiros de graduação e de pós-graduação, assim como consultas a referências bibliográficas e a revistas científicas.

2. Metodologia

O trabalho consistiu de uma coleta de dados de base descritiva, feita durante o ano de 2014, com o intuito de identificar, registrar e ordenar os dados obtidos, além de uma análise qualitativa e interpretação dos dados obtidos, o que permitiu chegar a conclusões sobre o estatuto dado ao fenômeno da versão na atualidade, no contexto acadêmico brasileiro.

2.1 Metodologia de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em três frentes. A primeira abarcou os cursos brasileiros de graduação e de pós-graduação (compreendendo somente mestrado e doutorado) com ênfase em tradução. Nessa etapa, foram analisados os currículos dos cursos a fim de identificar a presença (ou não) de disciplinas voltadas ao estudo e à prática da versão.

Para determinação da lista de cursos de graduação, foram utilizados dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) de 2011 (último ano em que dados de cursos de Bacharelado em Letras estão disponíveis), publicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)⁴. De posse da lista, passou-se à consulta às grades curriculares, feita por meio do acesso aos *sites* das instituições ou por *email*. Do total de 34 cursos apontados pelo INEP, quatro não apareciam nos *sites* das instituições e um não era voltado à tradução, mas à editoração. Além disso, duas instituições não forneceram as grades solicitadas. Desse modo, foram analisados os currículos de 27 universidades e faculdades. Ao considerar as diferentes ênfases e habilitações, o total analisado foi de 93 grades curriculares. Cumpre ressaltar que foram analisados somente os currículos vigentes no período da pesquisa. A análise buscou identificar a quantidade de disciplinas práticas de tradução e de versão em cada curso, observando também a presença de disciplinas teóricas sobre a prática tradutória.

Os dados relativos aos cursos de pós-graduação, por sua vez, foram obtidos junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Do total de 90 cursos listados na área de Letras, parte da grande área de Linguística, Letras e Artes, foram

HOFF, FLORES. Versão: um diagnóstico dos estudos acerca dessa atividade tradutória no Brasil *Belas Infâncias*, v. 4, n. 1, p. 181-194, 2015.

destacados os quatro cursos que envolviam explicitamente a tradução. À semelhança do procedimento feito com os cursos de graduação, passou-se então à consulta aos *sites* das universidades para análise da estrutura curricular e das linhas de pesquisa dos cursos, em busca de indicativos do enfoque dado pelas instituições à versão.

Após, passou-se a um novo estágio da pesquisa: consultas às obras constantes nas referências bibliográficas das disciplinas teóricas de tradução e práticas de versão de algumas instituições, de modo a verificar se tais obras apresentam (ou não) subsídios à reflexão em torno da versão. Para isso, novamente foram consultados os *sites* das instituições e enviados *emails* solicitando o fornecimento dos programas e/ou ementas das disciplinas teóricas e práticas de tradução e versão. Como somente foram incluídas as instituições cujos currículos compreendessem essas disciplinas, foram consultadas 24 instituições, das quais somente cinco disponibilizaram os dados solicitados. Passou-se, então, à análise dos programas e à listagem das referências bibliográficas obtendo-se uma lista de 54 referências, incluindo livros, artigos, capítulos de livros e enciclopédias, escritos em português, inglês, francês, italiano e espanhol.

Foram excluídos dessa lista dicionários, *sites* e gramáticas, posto que eles se configuram como ferramentas de trabalho e não como referências teóricas. Do total de referências da lista, foi possível consultar, seja física ou eletronicamente, 45 obras. A consulta consistiu na análise do sumário e na leitura de trechos potencialmente relevantes das obras, verificando a presença de referências à versão. Nove obras não foram consultadas por não ter sido possível encontrá-las, quer em meio físico ou eletrônico.

A etapa final da coleta de dados consistiu de consultas a revistas científicas especializadas em tradução à procura de produções intelectuais sobre a atividade. Para elaborar uma listagem de tais revistas, partiu-se da lista apresentada no artigo “A tradução literária em revista no Brasil: aproximações”, de Barbara Carolina Dias e Álvaro Silveira Faleiros (2013, p. 192), que afirmam que, nas três últimas décadas, surgiram no Brasil “cinco [*sic*] revistas dedicadas à tradução, a saber: *TradTerm*, *Tradução em Revista*, *Tradução & Comunicação*, *Cadernos de Tradução*, *Cadernos de Literatura em Tradução*, *Scientia Translationis*.” Entretanto, percebeu-se que algumas publicações referentes ao tema não constavam dessa lista, percebendo-se a necessidade de expandi-la, acrescentando tanto revistas que foram omitidas no artigo quanto revistas lançadas recentemente, após a publicação do referido artigo. Para isso, foram feitas pesquisas através do mecanismo de busca Google e consultas aos *sites* das universidades que oferecem cursos de pós-graduação em tradução, a fim de verificar se elas publicam revistas com enfoque em tradução. Somaram-

se cinco revistas à lista inicial: *Cadernos de Tradução – UFRGS*, *In-Traduções*, *Belas Infiéis*, *Translatio* e *Traduzires*. Desse modo, a lista final consistiu de 11 publicações acadêmicas, totalizando 181 números publicados. Conseguiu-se acesso a 165 desses, por meio eletrônico ou físico, e consultaram-se os sumários em busca de artigos que tratassem da prática da versão.⁵

2.2 Metodologia de análise de dados

Os dados obtidos na etapa de coleta foram analisados não somente de forma quantitativa, mas também de forma qualitativa, utilizando-se como categoria de análise as ocorrências lexicais que remetesse à *noção* (cf. FLORES et al., 2006) conceptual do fenômeno da versão. Ou seja, buscamos identificar, durante a coleta de dados, a ocorrência da palavra *versão* e de termos como “tradução indireta”, “tradução inversa”, “direcionalidade”, “tradução português–idioma estrangeiro”, e “recepção de obras vertidas/traduzidas para idiomas estrangeiros”. Tais termos, portanto, constituíram-se como norteadores do que pode ser considerada a versão em seu sentido amplo.

185

3. Resultados

A sistematização das informações obtidas na etapa de coleta de dados permite que se obtenha uma imagem representativa do tratamento concedido à prática da versão no meio acadêmico brasileiro, como apresentado a seguir.

3.1 Cursos

A primeira etapa da pesquisa foi realizada a partir da consulta das grades curriculares de cursos com enfoque no ensino da tradução, com o objetivo de perceber se a versão é contemplada em sua estrutura pedagógica.

3.1.1 Cursos de graduação

Foram analisados currículos de 27 instituições, de diversas ênfases e habilitações, totalizando 93 grades curriculares. Cumpre observar que, entre as habilitações e ênfases analisadas, 12 não são voltadas especificamente à tradução: são cursos de interpretação, secretariado executivo, estudos linguísticos, estudos literários, língua portuguesa e produção textual. Portanto, a análise final considera 81 currículos.

Em 36 dos 81 currículos analisados, não há qualquer disciplina especificamente voltada ao ensino de versão. As instituições, nesses casos, disponibilizam somente disciplinas teóricas e/ou práticas de tradução. Dentro desse grupo, chama a atenção o fato de que há quatro currículos que não oferecem nenhuma disciplina prática de tradução ou versão no currículo obrigatório, mas oferecem disciplinas eletivas de prática de tradução caso haja interesse dos alunos.

Por outro lado, 19 dos 81 currículos incluem a versão de alguma forma. Um deles prevê somente duas disciplinas obrigatórias de tradução e versão juntas. Em dez currículos, são oferecidas tanto disciplinas de tradução quanto de versão, seja em caráter obrigatório ou eletivo. Porém, o número de disciplinas de prática de versão é menor do que o número de disciplinas de prática de tradução. Somente em oito grades curriculares o número de disciplinas de prática de tradução e de versão é o mesmo.

Chama atenção ainda o fato de que 26 dos 81 currículos analisados, mesmo sendo currículos com ênfase em idiomas ou pares de idiomas, não oferecem nenhum tipo de disciplina prática de tradução nem de versão, seja como disciplina obrigatória, optativa ou eletiva. Por outro lado, é interessante ainda observar que, inversamente, entre as 12 grades curriculares que não têm enfoque em tradução, cinco apresentam disciplinas teóricas e/ou práticas de tradução, e, desses cinco, quatro contemplam disciplinas de versão.

Através dos dados expostos acima, é possível perceber que a maioria das instituições não oferece a oportunidade de treinamento e de reflexão sobre a prática da versão, concentrando os esforços na tradução. O número de currículos que oferece somente disciplinas práticas de tradução (36) equivale a quase o dobro do número de currículos que disponibiliza alguma forma de prática de versão (19), indicando que possivelmente ainda não se fazem distinções sobre essas práticas no cotidiano acadêmico. Ademais, o pequeno número de currículos que realmente igualam a prática de tradução e a de versão (8) indica que, mesmo nas instituições que reconhecem a existência e oferecem a oportunidade da prática da versão, ainda existe uma ênfase maior na tradução no sentido estrito.

Desse modo, parece ser possível concluir que a versão é um fenômeno relegado ao segundo plano nos cursos de graduação brasileiros, mesmo sendo cada vez mais requisitada pelo mercado de trabalho. Assim, configura-se uma dissonância entre a necessidade do mercado e a oferta do ensino superior.

3.1.2 Cursos de pós-graduação

Em três programas dos quatro que envolvem diretamente o estudo da tradução, a descrição da estrutura curricular e das linhas de pesquisa não traz nenhuma referência ao tema da versão, somente à tradução. Por outro lado, um programa faz referência à versão em seu *site*, considerando-a como uma possibilidade de pesquisa devido ao aumento da demanda do mercado. Entretanto, quando consideramos as disciplinas e as linhas de pesquisa do mesmo programa, é possível perceber que a versão não é contemplada em nenhuma das propostas, o que parece indicar que o reconhecimento dado à prática não se reflete em reflexões teóricas.

É interessante observar que, em um dos programas, há disciplinas e linhas de pesquisa que incluem a reflexão sobre a tradução de obras brasileiras para idiomas estrangeiros. Entretanto, é possível perceber que nesses casos há uma ênfase no estudo da recepção das obras no exterior e não na reflexão sobre tradução e/ou versão.

Assim, nota-se que no ambiente de pós-graduação, no Brasil, parece se falar muito pouco na versão de textos, não reconhecendo a sua existência como prática do mercado de trabalho. A inexistência de disciplinas que discutam e conjeturem sobre essa atividade indica a aparente inexistência de reflexões teóricas sobre o assunto. Também é notável o fato de não haver incentivos à pesquisa sobre o assunto, dada a inexistência de qualquer menção ao fenômeno nas linhas de pesquisa dos programas que envolvem os estudos de tradução.⁶

187

3.2 Referências bibliográficas

As 45 referências consultadas, extraídas dos programas e ementas de disciplinas teóricas e práticas de tradução e de versão, compreendem obras de linguística, literatura, teoria de tradução e reflexões sobre gramática. Dessas obras, 38 não faziam nenhuma referência à versão e sete obras traziam algum tipo de menção à esta. Porém, em duas – *Antologia Bilíngue - Clássicos da teoria da tradução francês/português* e *Antologia Bilíngue - Clássicos da teoria da tradução - Renascimento* –, as versões citadas fazem referência a adaptações de textos traduzidos, e não à prática da tradução para uma língua estrangeira.

Além disso, no livro *A tradução vivida*, de Paulo Rónai (1981), há dois tipos de referência à versão. O primeiro compreende o que parece ser um deslize terminológico. Em vários pontos, o autor fala em verter textos aparentemente como sinônimo para tradução no sentido estrito, como por exemplo:

A tradução dos títulos, ou como verter textos sem contexto. (p. 89)

Não basta que o tradutor leia com calma o texto que lhe cabe verter. Convém verificar-lhe a fidedignidade, tarefa que ao editor simplesmente não ocorre. Estava eu trabalhando na Editora Globo, quando me veio ter às mãos a tradução das *Viagens de Gulliver*, [...]. (p. 92)

Transplantar poesia latina era, aliás, costume de longa tradição no país. [...] De Horácio passei aos poetas do amor [...] Parei em Giovanni Pascoli, nosso contemporâneo, esse amante atrasado do ritmo latino. Vertia-os com uma exaltação que hoje não logro reconstituir. Cada poema traduzido era um desafio vencido. (p. 159-159)

Por outro lado, o mesmo autor fornece um relato de sua tentativa de versão para o francês de poemas húngaros quando residiu em Paris, o que dá origem a uma interessante reflexão sobre as diferenças entre tradução e versão:

Por sugestão de um colega da Faculdade, tentei verter para o francês umas poesias húngaras e uns contos húngaros e verifiquei a diferença intrínseca que faz da tradução e da versão duas operações tão diferentes que quase nada têm em comum. Ao traduzirmos de uma língua estrangeira para a nossa, o problema central é o da compreensão completa. Procuramos penetrar o texto em todos os seus pormenores, compreender-lhe as intenções, situá-lo dentro do contexto cultural da civilização onde foi produzido. [...] Já na versão para o francês, o problema se deslocava. [...] Manejando uma língua que não seja a nossa, por melhor que a conheçamos, se podemos aprender o que nela se diz, falta-nos a intuição do que não se pode dizer. Ao escrevermos na língua materna, formulamos incessantemente com palavras conhecidas frases nunca dantes forjadas, mas um instinto misterioso elimina todas aquelas que o espírito da língua, embora não codificado, proibiria dizer. Esse instinto falta-nos em relação à língua alheia. (ibidem, p. 161–162)

Outra obra citada nas referências bibliográficas também levanta esta questão. Trata-se do livro *Conversa com Tradutores*, organizado por Ivone C. Benedetti e Adail Sobral (2003), uma compilação de entrevistas feitas com tradutores das mais diversas áreas e formações. Por conseguinte, o livro mistura relatos de experiências, reflexões sobre a prática e teorizações, permitindo entender o cotidiano do tradutor. Alguns dos entrevistados tratam e refletem sobre a prática de versão em suas entrevistas.

Além dessas obras que trazem relatos de experiências profissionais, há também, entre as referências pesquisadas, um manual dedicado à formação de tradutores, que também cita a versão como uma possibilidade de prática profissional, sem, entretanto, fazer maiores reflexões acerca da atividade.

Além disso, entre as obras analisadas também se encontraram duas referências que tratam da diferença entre tradução e versão com um enfoque mais teórico. Elas se encontram no livro *Traducción y traductología*, de Hurtado Albir, e em um dos verbetes da *Routledge*

Encyclopedia of Translation Studies, organizado por Mona Baker e Gabriela Saldanha. Ambas as obras abordam o assunto através da discussão sobre a direcionalidade das traduções.

Albir (2011) destaca que geralmente a tradução direta (língua estrangeira para língua materna) é considerada a tradução verdadeira, embora o público não-especializado não faça essa distinção. A tradução inversa (língua materna para língua estrangeira), segundo a autora, exige não somente competência na língua estrangeira, mas também um processo diferente, já que, devido à possível falta de recursos para expressão na outra língua, o tradutor deve desenvolver certas habilidades e utilizar estratégias específicas, como maior consulta a fontes. A teórica ainda afirma que há diferenças na oferta de trabalho para traduções inversas, sendo geralmente mais reduzida (ALBIR, 2011, p. 56-57).

Por sua vez, Allison Beeby Lonsdale (apud BAKER; SALDANHA, 2011), autora do verbete “*Directionality*” na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, reforça e amplia essa discussão. A autora cita a influência do contexto – por exemplo, mercado de trabalho, pares de língua, disponibilidade de tradutores, prazos e condições políticas – na prática da versão e afirma que, de modo geral, o mercado considera que somente a tradução feita para a língua materna tem qualidade, sendo que esse fato é até mesmo usado na publicidade de algumas agências de tradução. Justamente por isso, muitas organizações internacionais demandam que seus tradutores traduzam somente nessa direção. A autora ainda aponta que muitos estudiosos têm indicado que o tipo de texto pode ser um fator importante para a aceitação da prática: textos de gêneros informativos e mais padronizados e textos que são direcionados ao público internacional são mais aceitáveis como possíveis objetos de versão.

Portanto, com a pesquisa feita nas referências bibliográficas, é possível perceber que há certa uniformidade no entendimento teórico em relação à versão, sendo esta percebida como uma prática cada vez mais comum – devido às exigências do mercado –, influenciada por fatores externos e dependente das competências linguísticas e das estratégias escolhidas pelo tradutor. Porém, as referências apontam também que a prática ainda é pouco estudada. Essa posição, inclusive, é reforçada pelo fato de que foram encontradas pouquíssimas referências nas obras consultadas. Percebe-se, portanto, que há espaço para mais discussões sobre o assunto na literatura sobre tradução.

3.3 Revistas científicas especializadas

Segundo Dias e Faleiros (2013, p. 193), “é possível identificar os assuntos em voga numa determinada área do conhecimento por meio de revistas especializadas, de publicação periódica, pois se trata de uma das melhores fontes para tomar conhecimento com essa produção”. Assim, a análise dos 165 sumários de 11 revistas científicas brasileiras deve permitir descobrir se a versão é um assunto popular nos estudos sobre tradução.

A primeira impressão dessa análise é de que há muitos artigos, em quase todas as revistas, que debatem obras brasileiras traduzidas para outros idiomas, tanto em relação à recepção das obras em outros países quanto em relação às escolhas feitas pelos tradutores. Entretanto, por se tratarem de análises de obras literárias de grande prestígio, essas traduções para outros idiomas geralmente são feitas por falantes nativos da língua para a qual a obra foi traduzida, ou seja, não são versões. Encontramos 59 artigos nessa categoria. Além disso, identificamos a existência de outros cinco artigos que discutem a recepção da literatura brasileira traduzida para outros idiomas como um todo.

190

Foi possível também identificar a presença de cinco artigos que traziam a palavra ‘versão’ no título, porém considerando versão como diferentes propostas de tradução de um mesmo texto literário ou como adaptações de textos. Como esses textos foram feitos por falantes nativos, mais uma vez, não estamos no domínio da versão, mas no da tradução.

Além disso, é possível perceber que existem artigos que discutem a versão de textos, mas em um contexto bastante específico: a aprendizagem de línguas estrangeiras. Nesses casos, a versão não é considerada enquanto prática tradutória, mas como ferramenta do processo de ensino-aprendizagem. Portanto, nesses artigos não se estuda propriamente o fenômeno da versão.

Chama a atenção, ainda, que algumas publicações abrem espaço para a publicação de textos literários vertidos para línguas estrangeiras por tradutores e estudantes de tradução brasileiros. Foram encontradas 24 propostas de textos nessa categoria. Além disso, também foi possível identificar a existência de dois artigos que debatem e analisam textos de Machado de Assis vertidos para o inglês por tradutores brasileiros, com enfoque nas questões literárias suscitadas por essas versões.

Porém, se considerarmos uma abordagem mais linguística da versão, percebe-se que, a julgar pela quantidade de artigos publicados sobre o tema, há pouco interesse na área. Nos 165 sumários consultados, foram encontrados somente seis textos com algum tipo de relação com o tema. Esses artigos abordam assuntos como as dificuldades para a realização de uma

versão, as competências necessárias para a prática e as diferenças no processamento cognitivo entre tradução e versão.

Portanto, é possível perceber que a produção acadêmico-científica em relação ao fenômeno da versão, no Brasil, ainda é incipiente, principalmente – mas não somente – se considerarmos uma perspectiva linguística, visto que há algumas propostas literárias de versão de textos. Os poucos artigos encontrados sobre o assunto sugerem que há espaço para mais reflexões sobre o assunto.

4. Considerações finais

Em um campo tão vasto quanto os estudos sobre tradução, é natural que alguns assuntos se destaquem mais que outros. Porém, há fortes indícios de que a prática de versão é, cada vez mais, uma exigência do mercado, ainda mais em um país como o Brasil, em que fatores como a abertura do mercado para exportações e o aumento da produção científica geram uma demanda por esse tipo de serviço. Desse modo, parece-nos importante que um fenômeno que faz parte do cotidiano de muitos profissionais da tradução seja objeto de reflexão por parte de estudiosos da tradução, da literatura e da linguística.

191

O diagnóstico aqui traçado permite entender que essa prática é praticamente esquecida no contexto acadêmico-científico nacional. O número de disciplinas de versão oferecidas nos cursos de graduação é significativamente menor que o número de disciplinas de tradução, não existe nenhuma linha de pesquisa em programas de pós-graduação que contemple reflexões sobre o fenômeno, as referências bibliográficas adotadas nos cursos de tradução só contemplam duas discussões teóricas sobre o assunto e as publicações científicas apresentam poucos artigos sobre o tema.

Nas poucas menções que se faz a ela, a versão é geralmente considerada como uma prática crescente, porém ainda pouco estudada. Preocupações com o domínio linguístico da língua estrangeira, por parte do tradutor, configuram-se como um fator fundamental para a prática, segundo os que discorrem sobre o fenômeno. Além disso, ressalta-se que a versão ainda é considerada por muitos como uma forma de tradução de menor qualidade, por não ser feita por falantes nativos do idioma. Ou seja, muitas vezes, a versão ainda é enxergada em relação à tradução no sentido estrito, sendo considerada meramente como uma atividade oposta ou inversa a essa, e não como uma prática distinta, com características próprias e peculiares que a diferenciam da tradução *stricto sensu*.

Também é importante ressaltar que a escassez de alusões ao fenômeno abre uma perspectiva de estudos que nos parece bastante vasta, permitindo que o fenômeno da versão seja caracterizado e que as reflexões sobre ele levem a uma distinção dessa prática tradutória.

Os resultados do diagnóstico permitem concluir que é necessário dar maior atenção ao fenômeno da versão em sua relação com as demais faces do grande fenômeno tradutório. Em outras palavras, há uma espécie de “silenciamento teórico” acerca dessa prática: ela parece fazer parte dos currículos que formam os tradutores – uma vez que a disciplina, de natureza prática, está presente em alguns cursos –, no entanto, não é objeto de reflexão por parte dos especialistas da área.

Refletir em torno da versão e tomá-la como objeto passível de ser teorizado implica abordar o estatuto que têm, nesse fenômeno, a língua materna, a língua estrangeira e, em especial, o processo/produto de leitura.

A leitura tem características próprias, quando o que está em questão é a passagem de um texto originado em língua materna para um texto em língua estrangeira. O tradutor, nesse caso – e contrariamente ao processo tradutório *stricto sensu* –, lê em sua língua materna e escreve essa leitura em língua estrangeira. Não se pode negar que a língua materna tem papel muito específico nessa operação: ela não é apenas a “língua de partida”, é a língua a partir da qual o tradutor organiza a sua percepção do mundo. Isso significa que a operação de leitura, na versão, tem estatuto diferenciado da possível leitura no processo tradutório clássico.

Teorizar o lugar da versão no conjunto heterogêneo que constitui o fenômeno tradutório em geral (tradução *stricto sensu*, autotradução, interpretação etc.) implica colocar, em relação às noções de língua (materna ou não), o papel do tradutor e o estatuto da leitura. Na versão, tais relações são distintas daquelas estabelecidas pelos mesmos elementos nas outras atividades que compõem o vasto fenômeno tradutório. Faz-se necessário, portanto, um estudo que aborde os aspectos aqui sumariamente mencionados.⁷

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELAS INFIÉIS (Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução Universidade de Brasília). Brasília: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POSTRAD e Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET – UnB, 2013–2014.

BENEDETTI, Ivone Castilho; SOBRAL, Adail Ubirajara. *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola, 2003.

CADERNOS DE LITERATURA EM TRADUÇÃO. São Paulo: Departamento de Letras Modernas e CITRAT - Centro Interdepartamental de Tradução – USP, 1997–2011.

CADERNOS DE TRADUÇÃO. Florianópolis: Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) - UFSC, 1996–2014.

CADERNOS DE TRADUÇÃO. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 1998–2011.

CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DIAS, Barbara Carolina; FALEIROS, Álvaro Silveira. “A tradução literária em revista no Brasil: aproximações”. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org). *Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI*. Tubarão: Copiart, Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. p. 191–219.

ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - 2011[Internet]. Brasília: INEP, s.d. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/enade>>. Acesso em: 06 abr. 2014.

FAVERI, Cláudia Borges de; TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Antologia Bilíngue - Clássicos da teoria da tradução Francês-Português*. vol. 2. Florianópolis: UFSC, 2004.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FURLAN, Mauri (org.). *Antologia Bilíngue - Clássicos da Teoria da Tradução - Renascimento*. vol. 4. Florianópolis: UFSC, 2006.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. 5 ed. rev. Madri: Cátedra, 2011.

IN-TRADUÇÕES (Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009–2014.

LONSADALE, Allison Beeby. “Directionality” In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (ed.). *Routledge encyclopedia of translation studies*. 2. ed. Londres: Routledge, 2011. p. 84–88.

RELAÇÃO de cursos recomendados e reconhecidos – Área Letras [Internet]. Brasília: CAPES, 11/03/2014. Disponível em: <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisa_rIes&codigoArea=80200001&descricaoArea=&descricaoAreaConhecimento=LETRAS&descricaoAreaAvaliacao=LETRAS+%2F+LINGU%CDSTICA>. Acesso em: 06 abr. 2014.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 2ª ed. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SCIENTIA TRADUCTIONIS. Florianópolis: Pós-Graduação em Estudos da Tradução – UFSC, 2005–2013.

TRADTERM. São Paulo: Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia – USP, 1994–2013.

TRADUÇÃO E COMUNICAÇÃO (Revista Brasileira de Tradutores). Valinhos: Centro Universitário Anhanguera de São Paulo, 2006–2013.

TRADUÇÃO EM REVISTA. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2006–2014.

TRADUZIREM. Brasília: Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução – POSTRAD – UnB, 2012–2013.

TRANSLATIO (Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva). Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2011–2014.

¹ Currículo lattes Sara Luiza Hoff. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7000709976064632>

² Currículo lattes Valdir do Nascimento Flores. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8959064517534406>

³ É importante destacar que, embora alguns pesquisadores optem por utilizar os termos “tradução indireta” ou “tradução inversa” no lugar de “versão”, optamos por utilizar este último ao longo deste artigo não somente por este ser o termo usado no mercado de tradução, mas também por aparecer em diversas instâncias acadêmicas, como a maioria das disciplinas práticas de graduação mencionadas neste trabalho.

⁴ Sabe-se da existência de alguns cursos de Tradução que não são vinculados a cursos de Letras. Entretanto, optamos por restringir a primeira etapa da pesquisa à formação em Letras, pois consideramos que estes cursos são numérica e culturalmente mais significativos, uma vez que são responsáveis pela formação de tradutores no âmbito da área de Linguística e Letras, o que necessariamente implica reflexão acerca da linguagem. Uma segunda etapa do presente trabalho tratará de expandi-lo, incluindo cursos de graduação em Tradução e outros cursos que possam ser relevantes à formação de tradutores (especializações, cursos técnicos etc.).

⁵ Uma segunda etapa do presente trabalho tratará de expandi-lo através de pesquisa à base de teses e dissertações da CAPES, o que também permitirá verificar se há publicações de autores brasileiros publicadas também em veículos internacionais.

⁶ É importante considerar que os cursos de pós-graduação analisados são acadêmicos, ou seja, são voltados à reflexão sobre teorias em tradução, não tendo qualquer relação com a prática tradutória. Ainda assim, chama a atenção a falta de reflexões que mencionem ou envolvam a versão nesse âmbito.

⁷ Desenvolver tais aspectos integra os objetivos do projeto de pesquisa a ser desenvolvido pelos autores do presente artigo ao longo do ano de 2015.

RECEBIDO EM: 18 de maio de 2015

ACEITO EM: 6 de julho de 2015